

O lugar da educação no pensamento de Espinosa ou de como pensar um *éthos* pedagógico inspirado em sua filosofia

Luiz Renato Paquiela Givigi¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo estabelecer relações entre o pensamento do filósofo holandês Bento de Espinosa (1632-1677) e o tema da educação, vinculação esta pouco explorada quando comparada a outros pensadores clássicos da história da filosofia. Espinosa não possui uma teoria sobre a educação, no sentido pedagógico tradicional. Busca-se, deste modo, e dentro dos limites deste texto, analisar tanto o lugar quanto a importância da educação em sua filosofia, levantando algumas pistas para se pensar um *éthos* pedagógico inspirado em sua obra. A hipótese central de nossa argumentação é a de que o educar não apenas ocupa um lugar de destaque em sua filosofia, como é inseparável daquilo que o autor propõe como itinerário para uma vida racional, ou da busca por aquilo que nos é mais útil.

Palavras-chave: Espinosa; Educação; Psicologia, Ética.

The place of education in Spinoza's thought or how to think about a pedagogical *éthos* inspired by his philosophy

Abstract: This work aims to establish relationships between the thought of the Dutch philosopher Bento de Espinosa (1632-1677) and the theme of education, a connection that is little explored when compared to other classical thinkers in the history of philosophy. Spinoza does not have a theory of education in the traditional pedagogical sense. In this way, and within the limits of this text, we seek to analyze both the place and the importance of education in his philosophy, raising some clues to think about a pedagogical *éthos* inspired by his work. The central hypothesis of our argument is that education not only occupies a prominent place in his philosophy, but is also inseparable from what the author proposes as an itinerary for a rational life, or from the search for what is most useful to us.

Keywords: Spinoza; Education; Psychology, Ethics.

Introdução

Bento de Espinosa foi um pensador do séc. XVII, o que torna o atual interesse por sua obra algo no mínimo curioso. Cerca de três séculos e meio nos separam de Espinosa, e, no entanto, suas palavras parecem referir-se diretamente aos dilemas que vivenciamos no presente. Sua concepção afirmativa da vida em sua incessante produtividade imanente, bem como a espantosa contundência de sua crítica às bases de sustentação do pensamento

¹ Psicólogo escolar na SME-RJ. Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro. Professor de psicologia na UNESA. Universidade Estácio de Sá. E-mail: renatogivigi@gmail.com

moderno em sua própria aurora, faz de suas ideias ferramentas indispensáveis para se pensar o cansaço e a crise desses mesmos paradigmas na atualidade, bem como a construção de alternativas para os problemas que nos afetam cotidianamente.

Esta peculiaridade da empreitada espinosana, que fez com que Negri (1993)² o interpretasse como uma “anomalia” de seu tempo, tem atraído um número cada vez maior de estudiosos, das mais diversas áreas do conhecimento. A diversidade de campos do saber, bem como dos problemas com os quais a filosofia de Espinosa vem sendo defrontada, se reflete também na multiplicidade de leituras e interpretações de sua obra, o que demonstra, dentre outras coisas, sua capacidade de incitar a produção de outros possíveis em cada campo de estudo e de práticas em particular.

Apesar de se tratar das reflexões de um pensador do campo da filosofia, uma das principais características destes estudos é a diversidade de domínios nos quais ele encontra aplicação ou, mais propriamente, pelos quais ele ganha expressão, marcando assim a natureza transversal do pensamento espinosano. Com efeito, são muitos aqueles que encontram em Espinosa uma ferramenta direta de reflexão para suas práticas. Como ressaltou Jaquet (2011)³, a referência à filosofia espinosana na atualidade atravessa uma esfera da produção de conhecimento que vai da neurobiologia - cujo principal expoente é o neurologista português António Damásio - às ciências econômicas, cujo destaque mais recente pode ser conferido ao economista e sociólogo francês Frédéric Lordon.

Com efeito, essa retomada do pensamento espinosano tem se mostrado frutífera nos mais diversos domínios do conhecimento. Entretanto, no que concerne ao campo da educação, esta referência é ainda pouco expressiva quando comparada a outros filósofos. Como notam Santiago e Oliveira (2013)⁴, o interesse pelo estudo de Espinosa nas faculdades de educação era raro até dez anos atrás. Foi apenas nesta última década que começaram a surgir alguns estudos mais detidos a esse respeito, interessados seja por pensar as relações entre a filosofia de Espinosa e a educação, seja pelo lugar da educação em seu pensamento.

² Negri, A. *A anomalia selvagem: poder e potência em Spinoza*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

³ Jaquet, C. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011.

⁴ Santiago, H.S. e Oliveira, F. B. “Educação e Infância em Espinosa”. In: *Filosofia e Educação, Dossiê Espinosa*. Campinas-SP: Revista eletrônica da Unicamp. V. 5, n° 1, 2013, pp. 01-07.

A dificuldade de compreensão de seus escritos, seu pouco tempo de vida, o antifinalismo contido em sua doutrina, o lugar concedido à infância em sua obra, as poucas referências diretas ao tema da educação e, sobretudo, a recusa em exercer, ele mesmo, o ofício de educador numa instituição de ensino formal, são as justificativas oferecidas por alguns comentadores de Espinosa no sentido de buscar justificar esta pouca aproximação entre o espinosismo e a educação, ou uma provável não conformidade e até mesmo uma baixa consideração do filósofo relativa ao ensino, sobretudo no que diz respeito a sua forma institucionalizada, isto é, organizada sob os preceitos institucionais das políticas de Estado cuja forma é a escola. Tendo isto em vista, buscaremos levantar, dentro dos limites deste texto, algumas pistas para se pensar tanto o lugar quanto a importância da educação na filosofia de Espinosa.

Desenvolvimento

De início, podemos afirmar que Espinosa educador é aquele que, em sua *Ética*⁵, propõe-se a nos conduzir “como que pela mão” à beatitude da mente, ou seja, à liberdade. Ora, não há nada mais pedagógico que o uso de uma tal metáfora. À atitude pedagógica de pegar pela mão, isto é, de produzir uma obra com o objetivo de instruir àqueles que assim o desejam, soma-se a própria maneira de redigi-la, seu estilo, posto que nesta obra Espinosa expressa-se de forma propositalmente simples, com o claro objetivo de ensinar a um outro, bastando a este compreender as convenções da língua e seguir seu raciocínio, sem a necessidade de saberes prévios para que se acompanhe sua argumentação; e é também nesse sentido, considerando o contexto histórico, que podemos interpretar a ordem geométrica de explicitação de seu pensamento na *Ética*. É falando ao alcance do outro que podemos encontrar ouvidos amigos da verdade, dizia Espinosa já em seu *Tratado da Emenda do Intelecto*⁶.

Nesta mesma obra - de caráter eminentemente pedagógico, uma vez que se dispõe a revelar para o outro seu método de trabalho cuja proposta residia em nada mais nada menos que a reforma do intelecto, ou a preparação para que pudéssemos chegar ao verdadeiro conhecimento - Espinosa também vai nos afirmar que a própria transformação

⁵ Spinoza, B. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu – Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009, EII, Prefácio.

⁶ Espinosa, B. *Tratado da Reforma da Inteligência*. Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004, TIE, §17.

subjetiva sugerida por ele inclui a participação de muitos outros. “Eis, pois, o fim a que tendo: adquirir essa natureza e esforçar-me para que, comigo, muitos outros a adquiram”⁷.

Seria preciso dizer ainda que a própria ideia de uma sociedade instruída, ou de uma educação para todas e todos, é uma novidade do pensamento espinosano. Não pela via moderna dos direitos universais dos seres humanos, mas sim porque, para Espinosa, o verdadeiro objeto do conhecimento não pode ser outra coisa que não algo comunicável, compartilhável e acessível a todos, um bem comum, como ele mesmo propõe.

“Faz parte de minha felicidade o esforçar-me para que muitos outros pensem como eu e que seu intelecto e seu desejo coincidam com o meu intelecto e o meu desejo”⁸, diz Espinosa, ainda em seu Tratado da Emenda do Intelecto. Ora, se a filosofia de Espinosa é uma filosofia do aumento da potência, e se esse aumento depende de um certo esforço comunicativo com o outro, isso significa que o caso não seria tanto o de dizer que existe uma teoria educativa em sua obra, mas sim que o itinerário ético proposto por este é inseparável de uma atitude pedagógica na relação com o outro.

A filosofia de Espinosa, e, portanto, sua concepção educativa, não concede nenhum espaço para perspectivas individualizantes de mundo, só podendo ser pensada como uma ética no/do coletivo, isto é, do aprendizado mútuo, ou de um “erudir-se mutuamente”⁹, como ele mesmo dissera em uma carta a um interlocutor de nome Willem van Blyenbergh. Isso acontece pelo fato de não sermos uma substância, mas sim um modo em meio a infinitos outros modos dos quais dependem nossa alegria e nossa tristeza. Como ele mesmo diz em seu *Tratado Político*, o direito natural de um indivíduo, pensado isoladamente, não passa de uma opinião, não tendo lugar na realidade¹⁰.

Sem o auxílio mútuo dificilmente podemos sustentar a vida e cultivar a mente, afirma Espinosa, donde podemos concluir que a passagem do direito natural ao direito civil somente se estabelece onde os homens têm direitos comuns, isto é, onde são capazes de estabelecer composições ou conveniências que aumentem a potência do coletivo.

⁷ Ibidem, § 14.

⁸ Ibidem.

⁹ Espinosa, B. *Obra completa II: correspondência completa e vida*. J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano (Orgs.). 1º ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 129, Epístola 21. No original “*erudire possimus*”. Vale ressaltar que Blyenbergh é um interlocutor com quem Espinosa rompe relações precisamente por entender que sua intenção não seria tanto o aprendizado mútuo ou o aumento da potência, mas sim a submissão à verdades metafísicas cuja efeito seria, no fim das contas, o debate infrutífero, a culpabilização, a contestação e, conseqüentemente, a diminuição da potência.

¹⁰ Espinosa, B. *Tratado Político*. Tradução Diogo Pires Aurélio; revisão Homero Santiago. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009, TP, II, 15.

Segundo uma lógica que é a do *conatus* (esforço)¹¹, buscamos sempre aquilo que nos é útil, isto é, aquilo que convém com a nossa natureza, haja vista que aquilo que não convém diminui a nossa potência e, no limite, pode decompor nossas relações características, levando-nos até mesmo a destruição. Cada coisa esforça-se por perseverar em seu ser buscando aquilo que é útil para si, repelindo por outro lado tudo aquilo que possa retirar a sua existência, diz Espinosa.

Acontece que, para este filósofo, não há nada que convenha melhor a natureza de um ser humano do que outro ser humano. “Nada é mais útil ao homem que o próprio homem”¹², sustenta este. Porém, como ele mesmo nos adverte, existem homens cuja natureza não convém com a nossa, algo que a própria experiência contemporânea tem nos revelado abundantemente.

Por sermos um modo, e, portanto, por seguirmos a ordem comum da natureza, a convivência com estes homens nos afeta necessariamente, fazendo com que, de um modo ou de outro, queiramos ou não, tenhamos de nos ajustar a eles, rebaixando a nossa potência ou, dito de outro modo, nos entristecendo.

Que homens seriam estes, podemos nos perguntar.

Esses homens são aqueles que, na terminologia espinosana, não se conduzem pela própria razão, ou seja, aqueles que ignoram as causas de suas ações, que não conhecem seus próprios afetos e que por isso se tornam escravos de seus próprios apetites; ou então aqueles que, pelos mesmos motivos, submetem-se a uma figura de autoridade qualquer, uma verdade, um modelo, um líder, um mito. Em suma, são aqueles que não são livres, apesar de se imaginarem como tais apenas por terem consciência psicológica do que fazem. Segundo Espinosa, a estes devemos evitar até mesmo os favores, posto que a forma como calculariam a retribuição implicaria em uma dívida impagável, já que estes não conhecem a verdadeira virtude e, conseqüentemente, a generosidade e a amizade. São ainda aqueles que, como disse certa vez Deleuze¹³, não descansam enquanto não nos comunicam suas neuroses, suas angústias e seu ressentimento contra a vida, contaminando o tecido social como um todo.

¹¹ Spinoza, B. Op. Cit., EIII, Preposições 6 e 7. “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (EIII, P6). O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual. Concebido como potência de afirmação indefinida (EIII, P7).

¹² Ibidem, EIV, Proposição 18, escólio.

¹³ Deleuze, G.; Parnet, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D’Água, 2004, pp. 71-72.

Segundo Michel Foucault¹⁴, para quem Espinosa, na história da filosofia, teria sido uma exceção justamente por não pensar as relações de produção do conhecimento desarticulada de um conhecimento de si (ou seja, do conhecimento das causas e dos apetites que nos determinam a agir), a possibilidade de dominação do outro advém precisamente da ignorância destas causas/forças, tornando-nos escravos das mesmas e, pior ainda, confundindo esta escravidão como se fosse a própria liberdade. Como afirma este,

O risco de dominar os outros e de exercer sobre eles um poder tirânico decorre precisamente do fato de não ter cuidado de si mesmo e de ter se tornado escravo dos seus desejos. Mas se você se cuida adequadamente, ou seja, se sabe ontologicamente o que você é, se também sabe o que é capaz, se sabe o que é para você ser cidadão em uma cidade, ser o dono da casa em um *oikos* [...] você não pode a partir desse momento abusar do seu poder sobre os outros.

Ora, se, como afirmamos acima, a empreitada espinosana não pode ser pensada fora de um horizonte pedagógico, isso se deve também ao fato de existir em sua filosofia uma estreita relação entre necessidade, conhecimento, e liberdade, o que faz dela, ao mesmo tempo, uma ética do conhecimento em detrimento de uma moral do dever ser, ou da obediência. Ao contrário do que nos habituamos a pensar, agir de maneira virtuosa não depende de nossa livre vontade soberana, mas do conhecimento de nossas determinações, uma vez que até mesmo as ideias que temos são forças que em nós se afirmam, e que, portanto, antes de explicarem nossas ações, precisam, como qualquer evento natural, serem também explicadas. E é por isso que, para Espinosa, apenas o conhecimento, e neste caso o conhecimento de nossas próprias determinações, seria capaz de nos conduzir à liberdade.

Por outro lado, os indivíduos que não se conduzem por sua própria razão - desconhecedores das causas de suas ações e, conseqüentemente, escravos de seus próprios apetites - serão não apenas aqueles que ignoram as causas que os determinam a agir, mas sobretudo aqueles que ignoram o próprio fato de serem determinados, imaginando-se livres. É o que Espinosa concebe como ilusão da consciência, sempre apta a reconhecer efeitos e a tomá-los como se fossem causas. É isso também a ignorância, espécie de moralismo estrutural que nos torna escravos de nós mesmos e, ao mesmo tempo, potencialmente nocivos para o outro, posto que, para julgar, basta não conhecer.

¹⁴ Foucault M. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Ditos e Escritos; Vol. V, p. 272.

Apenas os homens livres são capazes de gratidão, ou de generosidade, diz Espinosa em uma das mais bonitas passagens da *Ética*¹⁵, numa bela referência aquilo que poderíamos definir como uma ética da amizade. Os homens que não se conduzem por sua própria razão não são capazes de amizade, e por consequência também não estão aptos a formar uma verdadeira comunidade, ou uma democracia, no sentido espinosano. Como afirmara um antropólogo espinosista, de nome Pierre Clastres¹⁶, a obediência e o medo da liberdade excluem a amizade entre os sujeitos, produzindo aquilo que este, inspirado em Espinosa, denominou “mau encontro”.

Por sua vez, o homem livre que vive entre ignorantes, por ser parte de um tecido de relações, de composições de corpos-mentes, acaba padecendo necessariamente. E é por isso que Espinosa¹⁷ vai dizer que

Nada existe que seja mais útil ao homem, para conservar o seu ser e desfrutar de uma vida racional, do que o homem que se conduz pela sua própria razão. Além disso, como não conhecemos nada, entre as coisas singulares, que seja superior ao homem que se conduz pela razão, em nada pode, cada um, mostrar melhor quanto valem seu engenho e arte do que em educar os homens para que vivam, ao final, sob a autoridade própria da razão.

Como podemos ver, não é por um dever moral, por benevolência, por altruísmo, por uma certa consciência de classe, ou por uma questão de direitos sociais adquiridos que um homem de razão educa outros homens para que também estes se conduzam por sua própria razão, mas sim por interesse, pelo próprio desfrute de uma vida racional ou por uma recompensa imanente expressa por aquela felicidade que Espinosa diz sentir, na medida em que se esforça para que outros pensem como ele.

E pensar como ele, vale ressaltar, não significa pensar o que ele pensa ou pensou, mas sim que, assim como ele, e muitas vezes com ele, pensemos também, de acordo com a autoridade de nossa própria razão. Isso vale tanto para nós, simples trabalhadores de chão de escola, como para intelectuais acadêmicos que dizem possuir a melhor ou a mais verdadeira interpretação de Espinosa. Estes são aqueles que, muito provavelmente, não foram capazes de fazer uma composição virtuosa ou criativa com a obra espinosana. São, segundo uma expressão do próprio Espinosa, mais dados à disputa que a verdade, invejosos e mutuamente nocivos, portanto.

¹⁵ Ibidem, EIV, Preposição 71.

¹⁶ Clastres, P. *Arqueologia da violência: Pesquisas de antropologia política*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2004.

¹⁷ Ibidem, EIV, cap. 9.

Com efeito, e de acordo com o que demonstramos acima, o educar na ética espinosana não pode ser considerado como algo acessório na vida de um homem de razão, mas sim como a expressão mesma de sua sabedoria e da busca por sua utilidade, e é por isso que dizíamos que o itinerário ético espinosano deve ser pensado como um percurso inseparável de uma atitude pedagógica.

Muitas vezes, no campo da educação, ouvimos alguns estudantes dizendo que determinado professor possui muito saber, porém não ensina, ou então que os alunos não se sentem confiantes ou convidados a exercitar seu próprio pensamento na companhia deste. Para nós, o curioso é que, ainda assim, esse educador continua a ser reconhecido pelo outro como um grande sabedor das coisas, geralmente o mais sábio entre seus pares, que muitas vezes são aqueles que efetivamente ensinam e inspiram, que afetam seus educandos positivamente, propiciando o aumento de sua potência, que é o correlato de sua capacidade de agir e de pensar.

Ora, do ponto de vista da filosofia espinosana, isso não faria muito sentido, ou melhor, faria sentido desde que explicado pela via do que este chama de afetos passivos, relacionados a uma infirmação, uma negação, uma impotência ou uma tristeza. Assim como não existiria, em Espinosa, uma espécie de liberdade potencial no campo político, aquilo que o pensamento hobbesiano consagrou como liberdade de expressão - algo como um pensamento privado, guardado, uma faculdade que residiria dentro da cabeça dos indivíduos e que poderia ser revelado ou não a depender do regime político - também não seria correto pensar numa sabedoria privada, não comunicável, não expressa na relação com o outro. O mesmo seria admitir, em Espinosa, a existência de mentes livres em corpos disciplinados, algo que seria um contrassenso em sua doutrina. Na verdade, estes não passam de moralistas, aqueles que pretensamente saberiam o que o mundo deveria ser, mas não é. Ou então aquilo que os outros deveriam fazer, mas não fazem. Lógica do ressentimento e do desgosto para com a vida mesma, para com o real.

Com efeito, a liberdade não pode ser atribuída a alguma coisa que suponha uma negação, uma impotência. Algo como não pensar, não existir, não ensinar, não agir em conformidade com a nossa natureza, e assim por diante. Como afirma Espinosa, “a liberdade não tira, antes põe, a necessidade de agir”¹⁸. O verdadeiro educador espinosano afirma sua potência, comunica seu afeto necessariamente, faz-se força e presença,

¹⁸ Espinosa, B. Op. Cit., TP, II, 11.

colocando-se como causa transitiva do aumento da potência do outro, ou do aumento não teleológico de sua capacidade de agir e de pensar. Sendo assim, ele já não seria tanto aquele que oferece uma verdade, uma crença ou um saber, mas sim uma vontade, um desejo, um ato de força, a fim de que o outro desbloqueie sua própria potência de sentir e de pensar, ou de conhecer, se quisermos.

No campo político, a liberdade em Espinosa se expressa na construção de direitos comuns, na efetiva construção de instituições democráticas que favoreçam o aumento da potência dos modos singulares. Por isso ele vai dizer que o sábio é mais feliz na cidade, onde é possível construir e desfrutar desses mesmos direitos. Como mencionamos acima, da mesma forma que a liberdade política não diz respeito a uma faculdade privada (aquilo que supostamente penso, ou que gostaria de fazer, mas não faço), a virtude do homem de razão, não sendo também individual, só se demonstra educando um outro para que viva também ele sob a condução de sua própria razão, sendo esta a expressão mesma de seu engenho e de sua arte. Afinal, é de seu interesse vital viver entre homens que desfrutem, também estes, de uma vida racional, sob o império de sua própria razão.

Diz Espinosa¹⁹: “Nada pode, cada um, mostrar melhor quanto valem seu engenho e arte do que em educar os homens para que vivam, ao final, sob a autoridade própria da razão”. Isso se explica da seguinte forma: diferente de uma certa concepção hegemônica de vida social que concebe o fim do direito de um indivíduo onde o direito do outro começa (modelo hobbesiano), a ética espinosana nos sugere que a liberdade de um modo singular começa onde começa a do outro, daí fazer parte de sua felicidade educar o outro para que este também viva sob a condução de sua própria razão, ou seja, que este também se empenhe em sua própria liberdade, que dela desfrute. Aliás, é necessário precisar, caso ainda não esteja manifesto, que é na própria composição de quem ensina com quem aprende, isto é, nessa relação de forças ou nesse regime de afetação mútua, que reside o aumento da potência, que se expressa como aumento da capacidade de agir e de pensar, de conhecer. Assim, em Espinosa, a alegria, bem como a ativação do pensar, é uma qualidade do processo, e não da finalidade. Com efeito, já não se tratará tanto de aprender alguma coisa, mas sim de entrar em contato com a própria potência de aprender. “Quem emancipa não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender. Ele aprenderá o que quiser, nada, talvez. Ele saberá que pode aprender porque a mesma

¹⁹ Spinoza, B. Op. Cit., EV, cap. 9.

inteligência está em ação em todas as produções humanas”, afirma Rancière²⁰ a respeito de um mestre que, segundo este, teria como objetivo dar início ao que chamou de “ciclo da potência”, em oposição ao ciclo das explicações infinitas, próprias às relações de poder da educação escolar hegemônica.

É nesse sentido que Espinosa, aparentemente contradizendo aquilo que estamos a descrever, vai dizer que não é tanto a ignorância que faz o rebanho ou o escravo, mas sim um regime afetivo que implica num deserto de sociabilidade. Se dissemos aparentemente, isso quer dizer que o conhecimento para Espinosa só tem valor quando construído, compartilhado, ou transmitido a um outro, daí a inseparabilidade entre itinerário ético, conhecimento, e educação em sua filosofia. Nada a ver, portanto, com uma república de intelectuais acumuladores de diplomas, porém incapazes de ajuda mútua, ou de uma verdadeira generosidade, no sentido espinosano.

Algo diferente deste compartilhamento talvez pudesse receber outro nome que não o de conhecimento, quem sabe poderíamos conceder a este o mesmo estatuto dado por Espinosa ao direito natural individual, a saber, o de uma ficção. Para Espinosa, o verdadeiro conhecimento está implicado com transformações afetivas que se dão numa composição de corpos que se afetam mutuamente, e portanto no coletivo, com o outro. Dessa forma, não é que o ensino e o aprendizado mútuos sejam menos importantes que um regime de sociabilidade virtuoso, não desertificado, mas sim que este regime de alta potência é o efeito dessa atitude educativa de compartilhamento do bem comum.

Podemos sintetizar dizendo que Espinosa educador não é apenas aquele que coloca a necessidade de aperfeiçoarmos nosso intelecto, mas também aquele que afirma que esse aperfeiçoamento se dá em comunicação com um outro, num regime de aprendizado mútuo.

Como já difundido em alguns lugares, a educação em Espinosa precisa ser pensada como uma pedagogia da alegria, como uma prática de aumento da potência, algo que implica, necessariamente, no aumento da capacidade de agir e de pensar, ou de conhecer. Entretanto, esse aumento da potência ou essa alegria precisa ser concebida em função de um coletivo, numa sabedoria que se estabelece em relação, fazendo comum com nossos semelhantes. A um coletivo de aprendizado mútuo que se pensa e que se

²⁰ Rancière, J. *O mestre ignorante: cinco lições de emancipação intelectual*. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 30.

expressa dessa maneira, podemos dizer que ele foi capaz de experimentar um afeto de contentamento consigo mesmo, que se manifesta como um sentimento de confiança imanente em sua causalidade própria, como uma alegria comum, igualmente compartilhada, que o dispõe ao agir. Uma alegria e/ou uma confiança em suas próprias práticas que é o correlato de um processo de autonomização ou de liberdade, por nós denominada como uma “pedagogia política da multidão”²¹.

Sabe-se que a ética espinosana pode ser condensada pela consagrada expressão segundo a qual não sabemos o que pode um corpo, modelo ético por excelência já que aberto a uma indeterminação radical que exige experimentação e aprendizado constante. Todavia, como aponta Gilles Deleuze²², a filosofia espinosana pode também ser definida como uma arte do “enquanto”, conjunção subordinativa que, de nossa parte, pode aqui ser utilizada não necessariamente para corrigir a famosa expressão descrita acima, mas, ao estilo da reforma do intelecto, emendá-la: Não sabemos o que pode um corpo, “enquanto” multiplamente composto e relacionado a outros corpos. Mais do que a ignorância especulativa daquilo que um corpo-mente pode, queremos apontar para a indeterminação, e conseqüentemente para as possibilidades daquilo que um corpo-mente pode realizar em composição com outros corpos-mentes, numa lógica que é a da multidão, do comum.

Observações e Considerações Finais

Espinosa propõe-se a nos conduzir “como que pela mão” ao conhecimento e à beatitude da mente, dizíamos no início deste trabalho. Porém, o caminho é todo nosso, já que a aprendizagem, em Espinosa, é um processo eminentemente singular. Esta particularidade do aprendizado ético espinosano pode ser explicitada tomando como referência a própria experiência de formação daqueles que se aventuram na travessia de sua obra, pois, ao mesmo tempo em que o filósofo promete nos conduzir pelo caminho da virtude, o resultado da exploração de sua *Ética* acaba por frustrar qualquer expectativa relacionada com a prescrição de verdades ou de regras de conduta que nos levariam a

²¹ Givigi, L. R. P. *Espinosa educador: pistas para uma pedagogia política da multidão* – Fortaleza, CE: EdUECE, Coleção *Argentum Nostrum*, 2023, v 1.

²² Deleuze, G. *Cursos sobre Spinoza* (vincennes, 1978-1981). Tradução Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Hélio Rebello Cardoso Junior. Coleção *Argentum Nostrum*. 2ª edição. Fortaleza: Ed. UECE. 2009

uma suposta maneira correta de viver, e o mesmo pode ser dito caso quiséssemos buscar em sua obra maneiras corretas de educar.

Quando ética, a educação não pode ser pensada como apropriação de marcas alheias, postas desde fora pela elaboração muitas vezes intrusiva do educador. Na verdade, esta seria a própria forma pela qual a ignorância encontra formas de se perpetuar, ou seja, permitindo com que estas marcas alheias tomem o lugar da expressão própria e criativa do conatus singular. Enquanto prática de liberdade, a educação não se presta à transmissão de modelos, mas sim ao incitar a reflexão e o uso intransigente da razão. Daí a recusa de Espinosa em exercer a função de educador em uma instituição de ensino, cuja tendência, segundo este, seria a de submeter os indivíduos à reprodução de modelos transcendentais, ou à coartação dos engenhos²³, como ele mesmo pôde dizer. Em suma, o educador espinosano não é aquele que se guia pela instituição, mas sim pela razão, sendo esta a distinção mesma entre uma ética do conhecimento em oposição a uma moral da obediência, da servidão.

Pois bem, uma das características do pensamento de Espinosa é a de não nos fornecer modelos, seja do bem educar ou do bem viver. Todavia, uma outra grande particularidade da empreitada espinosana reside também no fato de que o desapontamento causado pela não entrega do produto final esperado é espantosamente superado pela alegria do processo nele mesmo, de um encontro cuja definição quase sempre resiste às convenções da linguagem. Como a “impulsão secreta interna”, o “vento de bruxa”, o “raio” ou a “súbita iluminação” comentados por Gilles Deleuze em seu *Espinosa: Filosofia Prática*²⁴. Estupefato, Nietzsche deu a este fenômeno o nome de um movimento por “ato instintivo”, ao revelar que o contato com a obra de Espinosa teria transformado sua solidão asfixiante numa “dualidade”²⁵.

Isso que pode ser sentido no contato com a obra espinosana constitui-se também num dos principais pressupostos de sua filosofia, que é o princípio do antifinalismo, bem como o da ilusão dos decretos de uma livre consciência: “Por fim – isto é, aquilo por cuja

²³ Espinosa, B. Op. Cit., TP, VIII, 49. “As universidades, que são fundadas a expensas da república, instituem-se não tanto para cultivar os engenhos como para os coartar. Mas, numa república livre, tanto as ciências como as artes serão otimamente cultivadas se for concedida, a quem quer que peça, autorização para ensinar publicamente, à sua custa e com o risco da sua fama”.

²⁴ Deleuze, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Ed. Escuta, 2002, p. 134.

²⁵ Nietzsche, F. “Carta de Nietzsche a Overbeck”. In: Martins, A. (org.). *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, pp. XVII.

causa fazemos alguma coisa – compreendo o apetite” (EIV, Def. 7). Não é porque julgamos uma coisa boa que a apeteçemos, mas é por apeteçê-la que a julgamos boa (EIII, P9, esc.). “A beatitude não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude” (EV, P42)²⁶.

Todas essas referências nos indicam que o valor da educação em Espinosa está no processo e não na finalidade. Aliás, um outro efeito particularmente interessante, relativo ao aprendizado de sua *Ética*, é que, após termos iniciado sua leitura, não mais a terminamos. É como se em sua *Ética* só houvesse começos, meios e novos começos, e, no entanto, já não podemos ser mais os mesmos após ter iniciado, não nos sendo permitido viver da mesma maneira.

É do interesse da servidão e não da liberdade oferecer verdades que venham de fora, sem que o outro faça seu próprio percurso, que viva seu próprio processo, que exercite seu pensar ativo, o tanto quanto pode. Em suma, é apenas nesse processo singular que a potência de aprender pode ou não ser despertada, uma vez que ninguém sabe antecipadamente do que um corpo-mente é capaz, ou por quais amores nos tornamos bons em latim, como dissera Deleuze em seus cursos sobre Espinosa.

Recebido em 22/11/2022

Aprovado em 03/05/2023

²⁶ Spinoza, B. Op. Cit., EIV, Definição 7, EIII, Proposição 9, escólio, e EV, Proposição 42, respectivamente.